

Scire naturam: Apresentação

Este volume publica artigos escritos a partir das discussões e debates ocorridos no Colóquio Internacional «*Scire naturam: filosofia e ciências, da antiguidade ao início da modernidade*», realizado entre os dias 26 e 28 de fevereiro de 2018, que decorreu na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, promovido em colaboração pelos grupos de pesquisa em Filosofia Antiga e Filosofia Medieval da Universidade Estadual de Campinas e da Universidade do Porto. Assim, os textos que constam desta edição não correspondem *ipsis litteris* às apresentações, pois sofreram extensas modificações e aperfeiçoamento por parte de seus autores à luz dos pareceres recebidos e dos debates ocorridos durante o evento.

O Colóquio *Scire naturam* foi dedicado à discussão da relação entre filosofia e ciências da antiguidade ao início da modernidade. Durante este período, o desejo de conhecer a natureza desdobrou-se em múltiplos programas de perguntas e respostas que contribuíram para o desenvolvimento das ciências modernas. Dessa forma, em descobertas e crises sucessivas, antigos e modernos, fixaram os campos temáticos, os limites e as relações entre domínios diferentes como a metafísica e a física, a lógica e a teologia, a botânica e a medicina, a música e a zoologia, a meteorologia e a cosmologia, mas também as matemáticas e até mesmo a política ou a ética, para mencionar apenas algumas das mais importantes *scientiae* deste longo período da história do pensamento. Reunindo participantes de diferentes formações (Ciências, Filosofia, Filologia), foram estudados diversos problemas suscitados pelo conhecimento da natureza. Os trabalhos apresentados visaram aprofundar o conhecimento de problemas particulares num dado momento ou autor, ou traçar a emergência e as transformações de inovações metodológicas, teóricas ou conceptuais. O Colóquio foi parte de uma frutífera cooperação académica entre a Universidade do Porto e a Universidade de Campinas, Brasil, promovida pelo seguintes centros de pesquisa e projetos: *Physis* – Centro de Pesquisa sobre

a História da Filosofia da Natureza da UNICAMP, a linha temática *Medieval and Early Modern Philosophy* / Gabinete de Filosofia Medieval do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto e o projeto *Critical Edition and Study of the Works Attributed do Petrus Hispanus-I* da mesma unidade de investigação.

A linha temática *Medieval and Early Modern Philosophy* é uma área especializado do Instituto de Filosofia, unidade de investigação Universidade do Porto, e coincide com o Gabinete de Filosofia Medieval, que desenvolve investigação sobre o período Medieval desde 1987 e é responsável pela edição desta mesma revista. Com larga experiência em projetos, publicações, acolhimento de estudantes ou investigadores e organização de encontros científicos, tem empreendido muita da pesquisa que realiza em colaboração com grupos estrangeiros congéneres ou com instituições científicas. Tal como outras de suas iniciativas, também esta se ocupa da “longa Idade Média”, desde o final da Antiguidade até ao início da Modernidade, sem delimitações disciplinares, nem restrições geo-culturais ou doutrinárias. O seu objetivo tem sido constituir-se também como um fórum de encontro de diferentes modos de fazer História da Filosofia, atualizados e abertos à discussão filosófica e ao contributo de múltiplas abordagens metodológicas. O âmbito temático investigado é vasto, em torno das principais disciplinas filosóficas (lógica, epistemologia, metafísica, ética, política, ciências e suas classificações), com atenção aos grandes autores mas também a autores menores, e à circulação de obras, incluindo o estudo da recepção e influência de Agostinho, das obras de Aristóteles, do contributo do pensamento Ibérico para a transição para o pensamento moderno, ou da presença da filosofia em géneros menos conhecidos como os sermões, as obras de espiritualidade em vernáculo, os diários de monjas. O projeto *Critical Edition and Study of the Works Attributed do Petrus Hispanus-I* do Instituto de Filosofia, tem financiamento autónomo atribuído pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Portugal, para o período 2016-2019 (Ref. PTDC/MHC-FIL/0216/2014), sendo desenvolvido no âmbito da mesma linha temática, também sob a coordenação de José Meirinhos. Petrus Hispanus é um nome poliédrico do século XIII, autor ainda bastante enigmático e a quem estão atribuídas múltiplas obras, cerca de 50, a maioria em filosofia da natureza e medicina. O projeto esteve envolvido na co-organização do colóquio porque o conhecimento contextual do pensamento científico medieval sobre a natureza é fundamental para compreender as obras atribuídas a Petrus Hispanus.

Ao longo dos anos o Gabinete de Filosofia Medieval tem desenvolvido projetos de pesquisa, coordena e publica inúmeras obras de investigação, em especial como números monográficos desta revista, ou na coleção *Textos e estudos de Filosofia Medieval*, na qual saíram alguns volumes dedicados ao estudo da

natureza no pensamento medieval incluindo ampla cooperação internacional. Com este colóquio, o Gabinete de Filosofia Medieval / LT *Medieval and Early Modern Philosophy* dá início a um programa de cooperação internacional com o *Physis* – Centro de Pesquisa sobre a História da Filosofia da Natureza, partilhando interesses e atividades comuns e o acolhimento de estudantes de pós-graduação em mobilidade inter-universitária.

O *Physis* – Centro de Pesquisa sobre a História da Filosofia da Natureza, atualmente dirigido por Fátima Évora, reúne pesquisadores brasileiros e estrangeiros que investigam temas fundamentais da história da filosofia da natureza, da antiguidade até o século XVII, com ênfase na recepção e transformação do pensamento aristotélico na Idade Média, latina e árabe, e no início da modernidade. As pesquisas do Centro dividem-se nos seguintes núcleos temáticos que se completam: (a) Estudo da física e cosmologia de Aristóteles, com especial atenção aos conceitos de natureza e movimento; (b) Estudo da recepção da filosofia da natureza de Aristóteles na Antiguidade Tardia, com especial atenção aos comentários de Filopono de Alexandria e Simplicio; (c) Discussão sobre a eternidade do mundo na Antiguidade Tardia; (d) Estudo sobre *Philoponus Latinus*, estudo e tradução das edições latinas dos Comentários de Filopono; (e) Estudo da Filosofia Árabe, especialmente, Avicena (Ibn Sina), Avempace (Ibn Bajja) e Averróis (Ibn Roshd); (f) A Filosofia da Natureza na Idade Média, especialmente o hilemorfismo em Tomás de Aquino, Durandus de São Porciano e as teorias do movimento de Buridan, Oresme e Bradwardine, as quais prenunciam a ciência do século XVII; (g) A recepção da *Política* de Aristóteles entre os medievais; (h) A Filosofia da Natureza no início da modernidade, a ruptura efetuada pelos modernos na análise do movimento, a crítica dos autores cartesianos ao hilemorfismo teleológico, a revolução astronômica de Copérnico a Newton, e a teoria do movimento de Galileu a Newton; (i) O impacto e a influência da revolução científica dos séculos XVI e XVII, especialmente em Galileu, Descartes, Boyle, Huygens, Leibniz e Newton; (j) Estudo e tradução do *Pseudo-Aristóteles* árabe, especificamente *Liber de causis*, *Liber de pomo* e *Secretum secretorum*, e, finalmente, (k) Estudo do surgimento da Filosofia Moderna nas academias de ciência, entre os *novatores* parisienses e platonistas de Cambridge.

O *Physis* mantém intenso intercâmbio acadêmico com pesquisadores e instituições do Brasil e do exterior, coordena trabalhos de pesquisa e organiza, juntamente com o Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Unicamp, a série de Colóquios Internacionais de História da Filosofia da Natureza, que reúne pesquisadores e estudantes de pós-graduação em História da Filosofia, História da Filosofia da Natureza, Epistemologia e História do Pensamento Científico do

Brasil e do exterior com a finalidade de promover a pesquisa e o intercâmbio acadêmico. Ele também é responsável pela publicação da coleção *Estudos sobre História da Filosofia da Natureza*. Este Centro incorporou os Grupos de Pesquisas sobre História da Filosofia da Natureza e Revolução Científica dos Séculos XVI e XVII: Origens, Influências e Bases Científicas e Filosóficas, dirigidos por Fátima Évora, e o Grupo Metafísica e Política, dirigido por Marcio Damin Custódio, todos certificados pela UNICAMP e credenciados junto ao CNPq.

Assim, este número é mais um produto da frutífera cooperação acadêmica entre o Gabinete de Filosofia Medieval / LT *Medieval and Early Modern Philosophy* e do *Physis* – Centro de Pesquisa sobre a História da Filosofia da Natureza, reunindo artigos desenvolvidos a partir de apresentações no Colóquio Internacional «*Scire naturam: filosofia e ciências, da antiguidade ao início da modernidade*», ele inicia com o artigo de Thiago Rosales Marques, intitulado «A Meteorológica: elementos e inserção nos *corpus Aristotelicum*». Marques apresenta em seu texto as bases teóricas da *Meteorológica* de Aristóteles discutindo as causas material e eficiente dos, assim chamados, fenômenos meteorológicos. O autor considera também o debate acerca do lugar da meteorológica no *corpus Aristotelicum*, bem como apresenta as possibilidades para uma datação da obra, destacando, contudo, as dificuldades que emergem de tal empresa. Dessa forma, Rosales Marques pontua as tensões que as explicações meteorológicas parecem suscitar com outras doutrinas aristotélicas enquanto apresenta tanto os fundamentos conceituais da obra como sua inserção em meio ao *corpus Aristotelicum*.

Na sequência José Antônio Martins debruça-se sobre a tradução latina da Política de Aristóteles realizada por Guilherme de Moerbeke em 1265. Martins apresenta o quadro intelectual no qual emerge tal tradução e analisa a sua primeira repercussão na classificação das *scientia practica* no contexto universitário do século XIII latino. Em seu artigo, «Demonstrabilidade das categorias: as *viae divisivae* e a crítica às mesmas», Mário João Correia continua analisando a recepção do aristotelismo no século XIII. Correia pretende expor algumas das vias divisivas criadas para dar conta da completude e da suficiência das categorias aristotélicas por autores do século XIII: Roberto Kilwardby, Alberto Magno e Tomás de Aquino. Em seguida, o autor discute a crítica de Duns Escoto a este tipo de tentativa de justificação.

Em seu artigo, Ana Ferreira examina os sentidos internos e o intelecto presentes na teoria da abstração de Pedro Hispano presente na *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II Aristotelis* e as funções destes elementos em sua teoria da abstração. Ana pretende determinar o papel e as características das diversas faculdades cognitivas assim como os sentidos internos, o intelecto possível e o intelecto agente.

Maria Clara Pereira e Silva, por sua vez, dedica-se a investigar a maneira pela qual Durandus de St. Pourçain constitui uma nova teoria cognitiva, baseada no conceito de relação. Inicialmente, a autora analisa a classificação do objeto cognoscível *causa sine qua non* e os critérios segundo os quais Durandus nega que o objeto seja causa eficiente da cognição. Em seguida, Maria Clara argumenta que a definição de conhecimento como uma relação entre objeto cognoscível e poder cognitivo tal qual se encontra em Durandus de St. Pourçain leva à negação da existência de um intelecto agente com a função de abstrair.

Em seu «Las estructuras arborescentes en la ciencia medieval: gradación y oposición argumentativa», José Higuera analisa a tendência medieval de representar os conteúdos textuais e conceituais de maneira esquemática por meio de matrizes visuais gerando diferentes formas de conceituação e apreciação da tradição filosófica.

Coube a Daniel A. Di Liscia concluir a discussão sobre a filosofia e a ciência do século XIV, em seu artigo, intitulado «La conclusio pulchra, mirabilis et bona: una ingeniosa demostración atribuible a Nicole Oresme», Di Liscia examina o sistema de figurações geométricas de qualidades e movimentos, aplicada todos os fenômenos envolvendo algum tipo de intensidade ou intensificação (*intensio*), proposta por Nicole Oresme em sua doutrina das configurações presente no *Tractatus de configurationibus qualitatum et motuum*. O autor compara o tratamento lógico-filosófico dado a questão por Richard Swineshead em seu *Liber calculationum* e aquele proposto por Oresme no *De configurationibus*.

Em seguida, inicia-se uma série de reflexões sobre a Filosofia da Natureza no início da modernidade. Matheus Henrique Gomes Monteiro, no artigo «On the Celestial Bodies in the Coimbra Commentary on De Caelo», discute a possível influência de Filopono de Alexandria sobre o Comentário Conimbricense ao *De caelo*. Para tanto, ele examina as referências, explícitas ou implícitas, dos mestres conimbricenses às objeções de Filopono à ideia aristotélica de que os corpos celestes são não-geráveis e incorruptíveis.

Ainda sobre Comentário Conimbricense, e visando contribuir para o debate sobre as origens medievais da ciência cartesiana, José Portugal dos Santos Ramos dedica-se a comparar o discurso cartesiano sobre o arco-íris, presente no «Sobre o arco-íris do Meteoros», publicado em 1637, e o tratado conimbricense intitulado «Do arco-íris ou arco celeste dos Comentários Sobre o Meteorológicos», publicado em 1593.

Giorgio Gonçalves Ferreira, em seu artigo «A teoria das distinções na filosofia de Descartes», pretende esclarecer dificuldades presentes na filosofia de Descartes no que concernem às relações entre distinção de razão, distinção formal, *distinctio rationis ratiocinantis* e *distinctio rationis ratiocinatae*. A fim de compreender a

distinção real em Descartes, Ferreira discute inicialmente a diferença entre os procedimentos de exclusão e abstração. Em seguida, o autor examina a definição cartesiana da distinção real e seu funcionamento, abordando o seu conflito com a união substancial. Finalmente, Ferreira dedica-se a análise da distinção modal e sua relação com a filosofia de Francisco Suarez.

Finalmente, a partir da análise do critério da verdade segundo Malebranche, Bruna Frascolla Bloise encerra a participação neste volume. Bloise examina como Malebranche, através do ocasionalismo, resolve a questão epistemológica do critério da verdade, e lança as bases do empirismo inglês.

Para concluir, devemos ainda deixar registro de todos os que colaboraram ou contribuíram para a organização do colóquio internacional «Scire naturam: filosofia e ciências, da antiguidade ao início da modernidade» (Porto, Faculdade de Letras, 26-28 de fevereiro de 201). Os aspectos práticos foram organizados por José Meirinhos (coord.), João Rebalde, Celia López Alcalde, Ana Patrícia Ferreira, José Portugal Ramos, Thiago Henrique Rosales Marques; a comissão científica e do programa estava constituída por Fátima Évora, José Meirinhos, Márcio Damin Custódio, Paula Oliveira e Silva; o colóquio contou com o apoio científico e logístico dos grupos de investigação do Porto e de Campinas mencionados anteriormente. Em nome dos organizadores e da comissão científica é devido um agradecimento às entidades que apoiaram financeiramente o colóquio e o tornaram possível: Programa Santander Universidades / Universidade do Porto, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Faculdade de Letras Universidade do Porto.

Cabe-nos, ainda, agradecer a colaboração dada por João Rebalde e Thiago Rosales Marques, co-editores deste volume, que no Porto e em Campinas se ocuparam da formatação dos textos e demais tarefas de revisão editorial.

Fátima Évora (UNICAMP)
Márcio Damin Custódio (UNICAMP)